

GAZETA D'ESPINHO

ADMINISTRAÇÃO Rua Bandeira Coelho 78. 80
 REDACÇÃO Rua do Norte, n.º 12
 ESPINHO
 Director: J. Pinto Coelho

PELA PATRIA E PELA REPUBLICA!

Propriedade da Empresa GAZETA D'ESPINHO

Composição e Impr. TYPOGRAPHIA PENINSULAR
 24—RUA DE S. CHRISPIM—26—PORTO
 Editor: Francisco Alves Vieira

VIVA A REPUBLICA PORTUGUESA

5 d'Outubro de 1910



Data gloriosa! Dia festivo após a tormentosa jornada da vespera. Aurora limpida e vivificante, d'esplendidos arreboes, annuncia a luz, a liberdade, a redempção! Salvé!

Dia de regosijo e de venturas desponta, a pleno sol, inculindo, em raios d'esperança, efluvios suaves, acalentadores, de enebriante euthusiasmo!

O cinco d'outubro de 1910 abre uma era nova de progresso e de liberdade, de vida e de trabalho para a sociedade portugueza. Demarca a hora da paz e do progresso.

A alma da patria renascida sente-se palpar vibrante e juvenil nas acclamações do povo Portugal revive para a historia.

Inicia a marcha triumphal, ousada, através da civilisação europeia. Reconquista o seu nome de aureoladas tradições; redime, com gesto vigoroso, os erros d'um dominio nefasto, d'um passado de vilipendios e de ignominias, e ergue a fronte illuminada e audaz, visando firme um horisonte amplo de aspirações grandiosas.

A revolução victoriosa de cinco d'outubro, com voragem purificado-ra, fez resurgir das cinzas d'um regimen caduco e carcomido, a figura magestosa da Republica—a Phenix renascida—que condensa a alma da Patria.

5 D'OUTUBRO

Quando foi proclamada a Republica em 5 de outubro de 1910, compreendeu logo a Europa que era o acontecimento mais importante da politica contemporanea. Não era um pequeno

povo, uma esquecida nacionalidade que mudava as suas instituições; era um facto sintomatico levando á previsão de um não distante equilibrio europeu, em que acabando esse antago-

nismo entre côrtes e governos, os estados despreocupando-se de estereis resistencias entrarão na acção comum de uma consciente internacionalidade. Por isso a imprensa mandou aqui,

solicita, os seus informadores, para reconhecerem se o grande acontecimento fôra uma aventura ocasional, um golpe de mão audaz e feliz de homens prestigiosos, ou se o facto tinha raizes em antecedentes sociaes que justificassem ou firmassem a transformação politica. Escrevia Naquet, sintetizando o espirito de interesse e simpatia que produzira a revolução de 5 de outubro: «Portugal é um paiz pequeno, mas a sua Republica é muito grande.» E na previsão tacita dos seus efeitos internacionaes, Naquet, como politico experiente lembrava, que a Republica Portugueza actuaria inevitavelmente mantendo-se, permanecendo, subsistindo sem curar de iniciativas. O que em chimica se chama acção de presença; pois que a Europa actual está ainda com o equilibrio da reacção da Santa Alliança estimulada pela democracia romantica de 1848.

Logo que os elementos clericales e palatinos organisaram a sua resistencia contra a nova Republica Portugueza, a sua arma principal foi o boato alarmante, para fazer circular pela imprensa europeia assalariada a instabilidade da instituição; fazer convencer de que o paiz era ingovernavel, e que se tornava urgente uma intervenção estrangeira para restaurar a monarchia com toda a sua estabilidade. Todos os recursos foram explorados para surtirem estes efeitos á custa da propria existencia da nacionalidade: grêves pavorosas em quasi todas as classes activas, provocações jornalisticas para exhibição de violencias, apresentação de perto de cinco mil contos de bilhetes de tezouro para serem pagos á bôca do cofre, boycotage contra o commercio portuguez, emigração de familias abastadas, e um nucleo de resistencia armada de um dementado ou posthumo. Condestavel, ao serviço da Companhia de Jesus, manobrando na fronteira espanhola, como ameaça de estrangulação, segundo os planos dinasticos servidos pelo pseudo-Clemenceau castelhano. E neste intuito, o jornal *El Mundo*, falando na entente das potencias a quem inte-

ressava a parte ha dente por-
 rocos, dividindo as zonas
 francesa, allemã e castelha-
 na, *nuestros hermanos* en-
 tendiam que se devia tam-
 bem regularizar a partilha
 de Portugal, como pais in-
 solvente pela sua enorme
 divida, e ingovernavel pela
 instabilidade da sua repu-
 blica! Pasma-se da incons-
 ciente boçalidade. A manu-
 tenção da ordem e da con-
 fiança publica nos dez me-
 ses de Governo Provisorio
 foi o triunfo definitivo da
 Republica Portugueza, por-
 que as fileiras republicanas
 estavam unidas, porque o
 poder soberano só se exer-
 cia coletivamente pelo con-
 selho de ministros; porque
 os actos ditatoriais foram a
 simples legalização de aspi-
 rações sociaes modernas;
 porque as relações inter-
 nacionais foram mantidas
 com toda a dignidade de
 um povo livre, afirmando
 sempre que tinha direito ao
 reconhecimento das insti-
 tuições que para si fundara.

O reconhecimento da Republica Portugueza não foi tardio; as potencias tinham sido sempre mal informadas pelos diplomatas que a côrte portugueza tinha espalhado pelas outras côrtes. Esses diplomatas, no seu criterio de *valets de chambre* afirmavam que a dinastia dos Braganças era muito querida do povo portuguez, que a adorava, que dava a vida por ella; só lhe eram contrarios alguns matutos sem cotação mental e moral, que se davam o titulo de republicanos. E neste embuste, coniventes mesmo com as campanhas de certos *escrocs* contra Portugal, tambem embalavam a familia real, de que podia estar segura na fruição dos seus gozos egoistas, porque as potencias monarchicas interviriam nos negocios de Portugal á mais leve ameaça da democracia. Se a desilusão foi tremenda para o ultimo Bragança, que com sua mãe esperava o aparecimento de um *destroyer* no Tejo, não foi menor a surpresa para as potencias monarchicas, vindo realizar-se uma revolução sem sangue, de caracter moral, entrando horas depois todas as classes sociaes na sua actividade normal, e a familia fugir dos seus régios ninhos abandonada de todos os familiares, favoritos e partidarios. Todos es-

tes factos eram problemas para os politicos e jornalistas; a Europa, vergonha é dizê-lo, ignorava completamente o estado de cultura de Portugal, julgando esta nação *bancarroteira e moribunda*, como se chegou a afirmar no parlamento inglês no periodo aureo da monarchia brigantina,

O chefe do partido liberal espanhol! D. Sigismundo Moret, obedecendo á necessidade que havia, em Espanha de conhecer bem a realidade da revolução de 1868, fez uma conferencia no Ateneu de Madrid, afirmando logo a excepcional importancia do facto: «De todos os acontecimentos nenhum tão transcendental como o da revolução portugueza.» E no criterio pratico de homem de governo tratou de determinar as origens dessa revolução; não escavou fundo, bastou-lhe a rapida pesquisa do anterior reinado: «Estabeleceu-se o compadrio politico (na frase corrente, o *rotativismo*) entre os partidos monarchicos, que valiam todos a mesma coisa. Não buscavam o apoio da opinião, mas no poder real. Todos diziam:—Com o favor do rei chegaremos ao governo. Uns não chegavam e outros era como se não chegassem. D. Carlos era homem dado aos prazeres. Tinha dividas. Cada partido procurava expedientes novos para lhe satisfazer as dividas, para conquistar a sua benevolencia e escalar o poder. E o mais escandaloso era que, quando deixavam o poder, revelavam tudo, acusando tambem os contrarios daquillo que elles... iam fazer.» E Moret termina com esta conclusão, impressionante na boca de um politico: «Quando a podridão chega ao maximo, e se descarrilla no caminho da moral, só se pára no abismo.» O abismo fora os adeantamentos saldados descaradamente pelo proprio D. Carlos, a supressão do regime parlamentar, o decreto, de 31 de janeiro e o plano da pavorosa de que o monarca foi, por ludibrio da sorte, a desgraçada victima.

O filho que lhe sobreviveu, descarrillou ao ascender á realza n'esse caminho da moral, e em breve parou tambem no abismo; para sustentar-se no trôno, sob o influxo da mãe, educanda do Sacré Cœur, entregou-se á direção da Companhia de Jesus, e obedecendo a um regime de perfidia, tratava de obter a intervenção dos governos de Espanha e de Inglaterra, por cartas e conversas, como consta de documentos apreendidos, que em conselho do Governo provisório foram lidos. E como os governos de Inglaterra e Espanha se fizessem desentendidos, essa criança ingenua, mas profundamente corrompida pelo jesuitismo,

voltou-se para a Allemanha; e apagando todas as decepções dos casamentos reaes, da Allemanha obteria uma princeza, e com ella a influencia imperialista em Portugal, militar, financeira e politica, e uma estabilidade e material, que afastaria para remotos annos as aspirações do partido republicano portuguez. Quantas gerações passariam sob este tremendo de salento. Em uma carta do rei D. Manuel, escrita em Setembro, fala na sua proxima viagem á Allemanha, exigindo-lhe a maior pressa; porém elle declara que só fará essa viagem em Novembro. A data de 5 de Outubro, do momento decisivo, determinada pelo assassinato do dr. Bombarda por um doido incitado pela monomania religiosa (tal como o assassinato do dr. Refoios que fizera o inquerito ao Colegio de S. Fiel), liberta Portugal dessa calamitosa perspectiva do casamento allemão. A mesma Inglaterra, que via assim diminuida ou mesmo extincta a sua influencia em Portugal, viu com bons olhos a revolução de 5 de Outubro, porque a libertava de complicações diplomaticas. E neste ponto de vista não convinha á Inglaterra fazer um pronto reconhecimento; diriam que a revolução previnha do seu influxo, ou mesmo do ouro inglês.

A revolução de 5 de Outubro não foi a consequencia de um impulso emocional e irreflectido de radicalismo; foi um acto conscienciente determinado por processos sociologicos scientificamente applicados. A vida portugueza, havia mais de meio seculo, degradava-se em uma deprimente *desnacionalização*; ser portuguez era uma vergonha, e para Portugal progredir era preciso *renegar a monarchia*, como em 1873 escreveu Anthero de Quental no seu opusculo sobre a revolução espanhola. Foi preciso acordar o sentimento nacional, e isso conseguiu-se, mostrando que este povo tinha um caracter antropologico, que se afirmava nas suas crenças esteticas e na sua acção historica mundial. Era preciso acordar a consciencia civica, e patentearam-se os altos caracteres na consagração nova dos centenarios, como o de Camões, o de Pombal, e do Infante D. Henrique, da India, do Brasil, balanceando assim todas as fazes da nossa evolução social, e dando á veneração um objectivo que dignifica, em vez de deprimir como com as bajulações monarchicas. Era preciso criar a opinião publica, e uma heroica imprensa democratica bem orientada, e servida pelos principais estilistas da lingua portugueza, e os comicios de vinte a cinquenta mil pessoas, salvando o nosso patrimonio colonial, como o de Louren-

ço Marques, foram á escola do proletariado portuguez que a monarchia pela intercorrença do socialismo tentava afastar da solução republicana.

N'este trabalho inensante foram-se criando os valores moraes, os homens da confiança publica, que em um dado momento, pela sua linha inquebrantavel de politica e acção positiva de disciplina das ideias eram elementos de coesão com quem se podia contar. Esses homens não se improvisaram; houve terriveis provas, e pelo caminho ficaram muitos, que renegaram o credo democratico que iniciaram. Ficaram pelo caminho Anthero de Quental sob o influxo deleterio de Oliveira Martins, Luciano Cordeiro, Antonio Ennes Ramalho, Matheus dos Santos, Fuschini, Silva Lisboa, Higino, de Souza, Consiglieri Pedroso, que em 1887 projectara fundir o partido republicano na *Esquerda Dinastica*. não falando nos que se retiraram á vida privada, libertando-se do bêco sem saída pelas doces frases do romantismo democratico. Mas os acontecimentos podem mais do que os homens; e a obra da Republica teve cooperadores, que pela sua acção negativa impulsionaram a Revolução. João Franco fez mais como transfuga republicano do tempo em que era delegado em Alcobaca, do que se continuasse filiado no partido; e nas crises de decomposição dos partidos monarchicos, os elementos sãos, possuidores ee energias nacionais, vieram oferecer-las á causa da Republica logo que reconheceram que existia uma corrente que trabalhava para a revivescencia da nacionalidade.

Um anno é passado sobre a implantação da Republica, o que quer dizer que está mais firme na alma nacional e na solidariedade europeia. Para conservar-se tem de premunir-se contra o jogo de habeis; para ser forte bastam-lhe nos seus homens de governo *moralidade e bom senso*.

Teofilo Braga

REALIDADES

A uns fedelhos

Foi a trinta e um, do ultimo janeiro, Bem sobre o coração trago esse dia Que seria finalmente o derradeiro Da empestosa execrante monarchial

... Assim dizia já, ha vinte annos, Quem como eu sonhou na redenção De germinar enfim os bellos planos: De restaurar, livrar da escravidão

O nosso tão querido Portugal Que vinha sendo pasto não frugal Da negra seita que no mal porfia.

Julguei ter de morrer na vã esperança Que trouxe dentro em mim desde creança, Mas não, —aurora nata haja alegria!..

5 | X | 911
Braga

Abel Motta

O Inspector de Policia Caldeira Scevola e a Conspiração

Entrevistado, por um dos redactores do nosso collega «A Montanha», fez o infatigavel e illustrado inspector da policia do Porto Sr. Caldeira Scevola, acerca da conspiração, as declarações que abaixo transcrevemos e que demonstram claramente a dedicação do integro funcionario policial pela causa da Republica. Se todas tivessem tão nitida comprehensão dos seus deveres, Portugal era um dos paises mais felizes do mundo. Nenhum outro o excederia em civismo.

A Republica deve ao prestantissimo inspector da policia do Porto assignalados serviços. Pode-se afirmar, sem receio de desmentido, que a elle se deve o vergonhoso fracasso da aventura couceirista.

Foi um inimigo de morte que os traidores encontraram pela frente. — Quem traça estas ligeiras linhas teve ouvidos de avaliar a intelligencia e amor com que o cidadão Caldeira Scevola trabalhou para o aniquilamento dos conspiradores. A sua prodigiosa actividade estendeu-se a toda a parte.

Que o digam as auctoridades d'Espinho, com quem o digno inspector policial estabeleceu relações no proposito de lançar mão dos conspiradores de cá! —

Disse S. Ex.ª á «Montanha»: «Apareceram-me no derradeiro mez de março bons e devotados republicanos da freguezia da Vitória avisando-me de que adentro do Porto se realisavam manejos de conspirantes monarchico-clericaes. Foi nesse momento que iniciei os trabalhos terminados a 29 de setembro.

Para issa aproveitei os serviços de vigilancia por aquelles republicanos já feitos, mas sem resultado sensivel. Essa vigilancia, sendo toda externa, obrigava a perder noutes inteiras homens de trabalho e que desse trabalho viviam, para apenas se avistarem grupos reunidos ora nas ruas, ora no interior das casas onde a sua acção passava despercebida.

Descobre-se que soldados da guarda republicana e socios do Circulo Catholico faziam aliamentos

No entanto para alguma coisa se aproveitou este trabalho, pois que por via d'elle veio a descobrir-se que praças da guarda republicana e socios do Circulo Catholico se empenhavam no alliciamto de soldados e cabos de varias unidades da guarnição. insistindo sobretudo as suas diligencias sobre a artilharia da Serra do Pillar. Estas tentativas estendiam-se á provincia onde especialmente se procuravam reservistas. Uma carta junto ao processo movido contra um d'estes alliciadores demonstra a orientação que presidia a taes manejos de captação.

Era necessario, emfim, arranjar gente para exportar a caminho do bando Couceiro, a esse tempo em terra gallega. Tomavam parte importante n'estas tarefas os cadetes, guiados por Herminio Correia, que, como se sabe, uma vez esteve detido como boateiro, sendo-lhe então apprehendida uma pistola e 200\$000 reis que, segundo as suas declarações, o reaccionario visconde da Pesqueira lhe emprestára. O processo d'este sujeito está ainda agora em aberto, por insufficiencia de prova. Este militar era por sua vez dirigido pelo conego Correia da Silva, professor do Seminario e a alma damnada de tudo isto. Desde o inicio das investigações que sempre o senti, sem todavia alcançar prova juridica capaz de comprometter-o irremediavelmente. Como jesuita defendia-se, pondo em jogo as boas manhas clericas.

Já não acontece agora o mesmo.

Uma organização clerical revolucionaria

Fundára este conego, de parceria com varios reaccionarios e a ajuda de certo beatão endinheirado, o Circulo Catholico d'Operarios, tendo annexo um «Grupo de Estudos Sociaes», rotulo pomposo d'uma malta de conspiradores. Para attrahir ainda os estudantes havia o «Centro Democratico Academico Christão», onde se reuniam alumnos de varias escolas e os cadetes. Quando alguma vez tive de chamar algum d'estes estudantes para inquirição declaravam systematicamente, referindo-se á clerical aggremação a que pertenciam:—os *Ans são patriotics*.

—Era o patriotismo traduzido pejo conego Correia...

Julgavam ajuda impossivel um movimento no Porto

Não se propunham ainda n'essa altura promover no arrebatamento de creaturas com destino aos arraiaes do Couceiro. O Porto desempenhava um papel secundario, o que não acontecia agora, em que esta cidade era a cabeça do movimento. Mas reatando a narrativa:

A primeira incursão *paivante* foi marcada para a noite de 21 para 22 de maio, pois era proposito dos conspiradores effectua-la antes das eleições de 28 d'esse mesmo mez. As levas de recrutados começaram a abalar, com maior frequencia, a 16 de maio. A 21 essa remessa foi suspensa. «Já não é precisa mais gente» — avisaram da Galliza.

—E como se apurou esse facto?

—Pelo informe de republicanos que se haviam deixado alliciar e receberam a noticia de serem dispensados os seus serviços.

Satisfeita a interrogação, Caldeira Scevola prosegue:

Chegamos a 21 de maio. O Centro de Democracia Christã annuncia um *pic-nic* para as bandas de Campanhã, sendo a merendola precedida de communhão na capella do recolhimento das Raparigas Abandonadas. Entre os associados distribuiu-se um impresso declarando que aquelle *pic-nic* constituia o motivo para uma parada de forças catholicas. Os nossos correlligionarios de Campanhã dispunham-se, porém, a correl-os. Soube do facto e expulso ao dr. Paulo Falcão, n'esse momento chefe do districto, notando-lhe que o conflicto era prejudicial, sobretudo porque n'esse dia chegavam ao Porto os congressistas do Turismo.

A primeira grande serie de prisões

Possuia já, nessa altura, diz Caldeira Scevola, a relação das prisões a efectuar. E como a incursão estava marcada para essa noite de 21 e o papel dos conspirantes do Porto consistia em apoiar os *paivantes*, prendi varios d'aquelles, colhendo na rede o presidente do tal Grupo de Estudos Sociaes, anexo ao Circulo Catholico.

Detido este, tudo ficou ás aranhas.

E a primeira grande série de capturas.

—E que resultou d'esses trabalhos?

—Para muita da gente detida não se alcançou prova juridica, mas para outra, entre a qual cabos e soldados da guarda republicana, resultaram pronuncias sem fiança. Ainda hoje aguardam em prisão a altura do julgamento.

Periodo de calma—Periodo de encubação—A carbonarla branca

Sucede-se um periodo de rela-

tiva colera. O fracasso da incur-são e o sucesso das eleições pa-rece aver-lhes adormentado os in-petos. Aproveito o injeço para deter-me na investigação das res-ponsabilidades de detidos diver-sos e especialmente das criaturas aliciadas para Espanha, conse-guindo estabelecer mais algumas pronúncias.

Entre estas se conta a de Abel Ferreira. E encontro-me pela pri-meira vez com a carbonaria bran-ca.

—Quem era pois o Abel Fer-reira?

—Um aliciador como qualquer outro, preso também na Relação é espera de ser julgado. Mas apertado de interrogatorios, esboçou-me a organização da citada car-bonaria. Eram grupos independ-entes, com chefes desconhecidos.

Veio em seguida a apreensão dos manifestos do «homem cristo» na tipographia do Frutuoso da Fonseca. O resultado cifrou-se em cinco pronúncias: a do P.º Julio, da camara eclesiastica, do medico Rodrigues de Carvalho, de Pais Abranches, um concunda que fora dos escreventes da «Palavra» e a de «homem cristo», autor da pro-sa imunda e foragido em terra es-trangeira.

—Não appareceu mais o medico Rodrigues?

—Não. Safou-se para Espanha.

O illustre republicano relata: —Entretanto, recrescendo a-maldosa furia do boato, crescido numero dos seus propaladores foi igualmente pronunciado e aguar-da que o juri se pronuncie sobre o crime praticado.

Decorre um espaço de relativa calma, que não é, em verdade, senão um periodo de incubação. Nunca todavia deixei de ter moti-vos para suspeitar de determina-das personagens que me esforcei por não perder de vista. Eram, em meio de tantos outros, o con-ego Correia da Silva, o abade Nes-tor, o p.º Narciso, o franquista e bacharel Julio de Lemos, etc.

O Porto focó «complot» — Es-tamos no mez de Agosto

Em comêço de agosto procura-me um bom republicano para comunicar-me haver sido convida-do a entrar n'um grupo, que se propunha, junto com outros, fazer, a breve praso, a restauração da monarchia.

Não dera resposta definitiva e queria saber a minha opinião.

Devia prender o aliciador ou aceitar o convite?—Declarei-lhe que não convinha prender ninguem e preferível era entrar adentro da organização e tomar conta do que succedesse. Encorporou-se pois no grupo e dias corridos, a meu con-selho, propôs para entrarem ma's dois correligionarios nossos.

Em seguida novos republica-nos foram propostos e aceites. No-vos grupos foram descobertos e sempre a tatica empregada com-em introduzir no seu seio gente de nossa inteira confiança, felizmen-te bem mais numerosa do que muitos d'ella alheios supõem e cuidam.

D'este modo alcançamos meter nos referidos grupos, entre mili-tares e paisanos, quarenta e tan-tos dedicados democratas.

Agora o fim d'estes manejos não era já exportar gente para Espanha, mas tornar o Porto focó d'um vasto movimento, com irra-diação intensa em varios e muitos conselhos do norte. Contavam com adesões do exercito e avultado numero de paisanos, sobretudo na provincia, onde padres e caciques prometiam levantar freguezias em massa.

Com immensa dedicacão mon-ta-se a vigilancia, de dia e de noite

Pelos nossos elementos de den-tro estavam na posse de quanto no intimo da organização revolu-cionaria ocorria e pela vigilancia externa dos elementos preponde-rantes das casas, de certos loga-res etc., completavamos a neces-

saria informacão. Civis e milita-res, dia e noite, sem treguas, com rara dedicacão estavam em ata-laia. Trabalho magnifico, admiravel, cheio de inteligencia. Em dois mezes cometeram apenas uma precipitacão, que, se prejudicou um pouco, não inutilizou o traba-lho feito.

De resto, a disciplina foi inex-cedível. Não haverá exemplos de maior dedicacão. Caldeira Scevola pronuncia com fervor estas jus-ticeiras palavras e logo adeanta:

Diariamente os nossos elemen-tos de dentro e de fóra estavam em contacto commigo. Cada gru-po de dentro me manda um re-presentante e o mesmo fazia cada grupo da vigilancia externa.

Emquanto, em março, a fisca-lisacão, sendo expontanea, se re-sentia de certa incoordenacão, agora acontecia precisamente o contrario. Subordinavam-se per-feitamente. Todos esses rapazes são, em verdade, dignos de todos os louvores.

E' claro que a policia me não merecia confiança e dahi o serem apenas feitos pelos republicanos todos os serviços. O corpo de policia era como se não existisse.

—Pois a maré é agora oportu-na para saneal-o.

—Creio-o bem—declara Caldeira Scevola.

Senhor do plano nunca devi-dei que caminhavam para o esmagamento

—Do que se ia passando nos grupos clericas verifiquei a exist-encia adentro deles de civis, mili-tares e policias em gordo nume-ro. Nunca duvidei que eles camin-havam para o esmagamento. Nun-ca supuz, conhecendo como co-nheço a massa democratica do Porto, a massa de soldados e sar-gentos, a multidão de farda e a civil, que tivessem uma sombra de successo.

Senhores como estavam do plano e movimentos dos conspi-rantes não podiamos ser tomados de surpresa. Entendi pois que preferível era deixar correr os aconte-cimentos, seguro de que não existia perigo para a Republica. Assim obrigava determinados per-sonagens a definirem responsabilidades. E, de facto, eles estavam conspirando como se o fizessem dentro duma caixa de vidro. Eu via tudo quanto realisavam.

São comunicadas noticias ao chefe do distrito e ao governo

Inteirei todavia o chefe do dis-tricto, dr. Nunes da Ponte de quan-to ocorria. E nesta altura devo afirmar que o dr. Nunes da Ponte acreditou na justeza das minhas informacões, tomando as na devi-da conta e mandando-me a Lis-boia a 11 de setembro com a in-cumbencia de pôr o governo ao par dos acontecimentos.

De volta ao Porto soube que os «homens» haviam disposto o mo-vimento para antes de 5 de outu-bro e até ao fim do mez, visto que, em seu entender, as festas exer-cem sempre uma intensa impres-são no espirito publico.

Ao mesmo tempo sabiamos também que automóveis saiam todas as noites em direitura aos concelhos onde o movimento dev-ia ramificar-se. Esses vehiculos transportavam creaturas suspeitas e na ultima quinzena de set-embro trez vezes forçaram as barreiras.

Entretanto dava-se a posse do actual governador civil a quem contei igualmente quanto aconte-cia. Assim me isentava de respon-sabilidades, por quanto é certo que nem sempre me acreditavam co-mo era razoavel e necessario.

Abortar a conspirata ou es-trangulal-a á nascença?

Até este momento, acentúa o illustre republicano, a minha opi-nião, que expuz, era pelo aborta-mento da conspirata, receoso, não

do resultado final, mas duma vas-ta extensão pelas represalias do povo. Tal soluçãõ era má, em vir-tude dos efeitos que no estrangei-ro provocaria.

Expuz sempre isto.

Resolvi promover uma reu-nião com os officiaes da guarnição e se não convidei todos os officiaes republicanos foi tão só por haver resolvido chamar apenas um de cada unidade e o que mais facil-mente podia encontrar. Desde lo-go afirmei não existir nenhum pensamento de preferencia.

Reunidos esses officiaes ás 9 da noite, no meu gabinete singela-mente lhes apresentei a situaçãõ. Convocava-os porque a contra-re-voluçãõ ia estalar. Mostrei-lhes a conveniencia de trabalharmos de acõrdo, conjugando esforços. Pro-cedessem eles adentro dos quar-teis á vigilancia necessaria, pois da externa eu me encarregaria. Disse-lhes ainda:—Os srs. con-hecem nos regimentos, melhor de que eu, os elementos suspeitos. Mas não citei nomes, nem distri-bui fichas, como já se disse, e é inteiramente falso.

Dois dias passados, o mesmo se repetia no nosso gabinete com os sargentos. E não se fez identi-camente com os cabos porque com esses já de ha muito me encon-trava em contacto, bem com com os soldados metidos nos grupos.

E aqui, entre-parenteses, vem o dizer a relutancia dos conspi-rantes a aliciar sargentos. Dese-jando eu propor um, por interme-dio dum dos nossos, replicaram:—«Sargentos não queremos, os que cá deviam estar já estão. O resto não nos serve, são tudo carbona-rios. Queremos só cabos e sol-dados».

Posta esta nota, Caldeira Sce-vola relata a interessante narra-tiva:

Desde as conferencias com offi-ciaes e sargentos nunca uns e ou-tros deixaram mais de estar em relação comigo. Procuravam-me e inteiravam-me de tudo.

Dentro dos grupos—Velha ta-tica—A sugestão do boato

Ao mesmo tempo era informa-do do ocorrido nos grupos revolu-cionarios, Exageravam os man-dantes a nota dos el mentos com que contavam. Era a velha tatica. Mas duas notas sobretudo acent-uavam:—Não dispuham do 18 e da artilharia da Serra do Pilar.

Todavia nos ultimos dias os mesmos carbonarios brancos co-meçaram afirmando que a Serra deixára de ser um perigo, pois haviam conseguido que um sar-gento roubasse os percutores das peças. Nessas condições dariam facilmente assalto á fortaleza to-mando essa posição. Desse facto se avisou a quem de direito e pro-videncias foram tomadas. Não ter-rem eles caido em realizar a acom-etida! Seriam otimamente rece-bidos!

Nos ultimos dias os dirigentes da contra-revoluçãõ perderam a trasmontana. Assumiram ares insolentes, riam provocadoramente á passagem de republicanos, reu-niam sem reservas, facilitando assim o trabalho de vigilancia.

O plano da contra-revoluçãõ clerical

—Qual era pois o plano da con-tra-revoluçãõ?

—Em linhas geraes, o seguin-te: Emquanto um grupo numero-so se apoderava em Gaia da for-taleza da Serra e levantava os rails da via ferrea do Porto a Lis-boia, um outro grande grupo apo-derava-se do regimento de infan-teria 6, fazendo-o sair com os ele-mentos que ali supunham dispôr e eram inteiramente nossos. Con-tavam que previamente esses ele-mentos lhes abrissem as portas do quartel.

A este regimento juntar-se ia cavalaria 9 com o qual contavam também e parte da guarda repu-blicana. Com estes elementos iriam dar combate ao regimento de in-fantaria 18.

A Serra estava emudecida, as linhas cortadas, o norte em ebu-lição. A cousa ia em marcha!

Faltou-lhes no plano o consi-derar os cruzadores surtos em Leixões...

—Havia muitos officiaes com-prometidos?

—Pelo que espalhavam na car-bonaria branca existiam muitos, mas pelo que se viu, não tinham nenhum. A verdade porém é que lhes falharam, pois sem duvida se não atreveriam a tentar uma semelhante empreza se alguns gal-lões lhes não houvessem feito promessas.

Na vespera do movimento—Muda-se de plano

Chegamos á vespera do movi-mento, dia 28 de setembro. Modifi-quei a minha opinião—diz Caldeira Scevola.

Convinha deixa-los sair para a rua.

Seguro da vitoria, verifiquei que tudo redundaria em farça e consequentemente se não produ-ziriam os motivos excitadores de represalias populares.

Alterou-se egualmente o nos-so plano de ataque nesse sentido. Da parte deles verificou-se tam-bem uma mudança de plano. Co-meçou a imperar o medo.

Estava combinado que 5 pai-sanos e os officiaes aliciados espe-rassem dentro do quartel do 6 a hora do movimento. Mas a co-bardia principiou visto ter come-ço a efectivação de responsabilidades.

—E que acontece?

—Os officiaes declaram que não esperam no 6. Aguardam em cas-as proximas do quartel para no momento propicio—era o da vito-ria, sem duvida, irem tomar o co-mando. Os paisanos afirmaram por sua vez que não ficariam no 6. Todavia os fardamentos de soldado destinados a disfarçar os paisanos chegaram a sair e estão na posse da policia.

—Eu lhe conto:—Os fardamen-tos foram entregues pelo 1.º sar-gento Silveira ao cabo 47, inteli-gente rapaz decidido e sincera-mente republicano, que ficou de por seu turno os fazer entregar ás 5 da tarde a um paisano que os esperava na praça do Marquez de Pombal.

Recomendou ao 1.º sargento que arranjasse um carregão para o transporte do sacco onde eram conduzidas as fardas Cumpriu o 47 as ordens recebidas, chamando de facto um carregão, o policia apaisana, 47, um dedicado agente com quem tinha entendimento. E para a scena ser completa, um fervoroso republicano, o jorna-lista Amadeu Maia, acompanhado de dois amigos, dirigiu-se ao jardim Marquez de Pombal a teste-munhar a entrega do sacco em re-ferencia.

O plano reacconario opõe-se triunfantemente, o plano republicano

Decidindo-se deixar sair os homens para a rua, determinou-se não tomar nenhuma medidas de caracter oficial.

Nem se fizeram prevenções e foram dispensados até os piquetes que a certo momento se pensou em estabelecer. Apenas os officiaes republicanos se encontravam pre-venidos. Os regimentos dormiam em plena paz. Nada de anormal adentro delles.

Informado de que officiaes pai-sanos reuniam n'uma casa proxima ao 6 mandei vigial-a desde o comêço da noite.

Já então o movimento estava marcado para as 2 da madrugada.

Dois predios na rua do Triunfo havia dos quaes era legitimo sus-petar.

Um desses era o do Asylo do Terço em que já se tinham efectua-do reuniões.

Avisaram se os nossos grupos civis. Tudo ficou a postos.

Recomendou-se que não for-massem ajuntamento na Praça

da Liberdade, o que se não con-seguiu inteiramente, porque nu-merosos republicanos não organi-sados nesse ponto se congrega-ram.

Por volta das 8 da noite, um dos vigias da rua do Triunfo veio avisar-me, do mando do 47, que a concentraçãõ dum bando de cons-piradores ia dar-se no barracão do Palacio de Cristal, que, como se sabe, fica quasi nas trazeiras do quartel do 6. Infelizmente apenas soubemos este pormenor já noite, de contrario ter-se-ia estudado o terreno e nenhum dos que lá se juntou escaparia.

Medidas tomadas distribuem-se forças republicanas

Em Gaia, onde existe um pos-to de guarda republicana, com 15 soldados e um sargento, gente m'q'teiramente nossa, reforçou-se es-se posto com 30 homens. Enten-di-me com a guarda fiscal, que também, como as demais unida-des, mandara officiaes e sargentos ás preteritas reuniões no meu gabinete, para que fossem reforça-dos os guardas nos dois tablei-ros da ponte Luiz I.

Foram estas as unicas medi-das de prevençãõ em que inter-vieram militares.

A policia continuou no serviço normal. Apenas no commissaria-do concentrei 40 homens de con-fiança.

Aos grupos revolucionarios, aos grupos defesa da Republica, á carbonaria, aos batalhões de vo-luntarios e outras agrupacões de-signarei na sequencia do relato por paisanos.

Com elles, duma maneira me-tódica, organizei a defesa. Uns grupos partiram a reforçar a fis-cal da ponte, outros encarrega-ram-se da defeza dos consulados, para evitar qualquer ataque dos traidores. Na hipotese de que dos concelhos visinhos acudissem mas-sas de homens e prevendo que se apresentassem pouco a pouco nas barreiras para cá dentro se con-centrarem depois em pontos mar-cados, estabelecemos grupos ar-mados dominando todas essas bar-reiras, mas bastante afastados para lhes consentir aquela concentra-ção e seguidamente lhes dar combate quando pretendessem marchar sobre a cidade.

A guarda fiscal realizou uma vigilancia perfeita, tendo ainda preparados destacamentos para acudir ao povoado se fosse ne-cessario.

Outros grupos civis foram en-carregados de passar a Gaia e, auxiliados pelos grupos de bons republicanos d'aquelle concelho, encarregados de dar caça aos grupos reacconarios que lá faz-iam também concentraçãõ. O re-sultado foi magnifico. A breve tre-cho a confusão em meio deles era completa. Um grupo dos nossos seguindo pela escura margem do rio, lado de Gaia, encontrou gen-te da conspirata.

Descobriram a senha e arma-dos com ela, as Brownings e as carabinas, foram mandando pres-os para o Aljube. Como havia suspeitas fundadas de que pre-tendessem safar espingardas e material destinado ao levanta-mento de linhas ferreas, coloca-do em barcos junto á ponte to-das as embarcações eram obri-gadas a aproar a terra. E algu-mas que de pronto o não fizeram, forçaram os nossos a disparar alguns tiros.

Além de todos estes grupos ci-tados, nucleos de certa importan-cia guardavam o paiol e o tele-grafo.

Havia-se resolvido não come-çar a prender senão á meia noi-te para que se não impedissem os homens de sair.

Assim a captura do José de Barros, organisador dum dos maio-res grupos em que predominavam empregados da Companhia Car-ris, é feita a essa hora quando acompanhado de mais alguns in-dividuos se preparava para dir

gir-se a Gaia. Prendeu-o um grupo de Ramalde.

A seguir efetuaram-se outras prisões de creaturas que desempenhavam papel principal no movimento e isso contribuiu para desorganizar-o.

No Circulo Catolico eram apanhados trinta e tantos homens, que ahi se ajuntavam para oportuna saida.

O material de levantar as linhas era apreendido, os grupos de assalto á Serra do Pilar caçados, por vezes a tiro, a quem nem sempre deixavam de replicar.

O Palacio

A's 10 1/2 da noite era avisado de que um numeroso grupo se endireitava ao Palacio, notando-se, em meio dele, o padre Nestor. Pouco depois recebia noticia de que o mesmo grupo penetrara nos jardins, fazendo o arrombamento, do portão de Entre Quintas. Resolveu-se que se deixassem concentrar mais e apenas á 1 da madrugada se efetuasse o cerco.

Após isto esperou-se. Pelo telefone e graças a continuos enviados encontrava-me em relação com todos os grupos e todos os quartéis. O serviço d'informação era completo.

Os prisioneiros vinham de todos os lados, alguns feridos das escaramuças em Gaia. Tambem alguns dos nossos apresentavam ferimentos.

Finalmente, como se concertará, á 1 da manhã decidiu-se cercar o Palacio, partindo a dirigir esse serviço o coronel Pereira de Magalhães, o meu colega Dr. Alves Ferreira e o Dr. Romulo de Oliveira. Requisitaram-se forças e estabeleceu-se esse cerco. O que no Palacio ocorreu está contado e nem eu o conseguí presenciar pois que um momento sequer me era consentido afastar-me do meu gabinete.

Sobre o que adentro dos jardins ocorreu, tinha já uma carta escrita por um policia detido em Lisboa, no Alto do Duque, que faz muita luz. Conta que ao saberem-se cercados foi uma debandada. Ele fugiu e cá fóra prenderam-o.

Não o acreditavam, ainda no dia da contra-revolução

Com uma grande dificuldade lutei:—a relutancia em acreditar os meus informes. Ainda assim acontecia no proprio dia marcado para a contra-revolução!

Não cito nomes de correligionarios que atravez longo tempo e nestas horas decisivas prestaram inegualaveis serviços. Assim o faço, para a nenhum melindrar. De resto, tantos eles são que seus nomes encheriam colunas.

Isto foi obra de todos nós—foi obra do povo, do povo fardado e sem farda. Se os trabalhos de vigilancia foram bem executados, os serviços dessa noite de 29 para 30 foram inexcusáveis.

Quero que accentue estas verdades: essa massa republicana, foi inteligente e foi disciplinada, sem abdicar da iniciativa.

Colaboraram nesta tarefa centenas de cidadãos e todos se comportaram de maneira a bem merecerem da Patria e da Republica. Foram esplendidos, foram magníficos!

Para findar quero referir-me á extranheza de certas pessoas ante o facto de não haverem sido detidos varios grandes caciques do defuncto regime. Atribuem isso a não estarem ainda descobertos e os de ruim lingua não hesitam em pôr a suspeição de favoritismo.

Pois a verdade é que se não estão presos é porque se não intrrometeram na conspirata. Isto foi uma cousa de padres e esses cairam na cadeia.

Durante muitos mezes nunca encontrei nenhum dos referidos caciques,

Eram clerigos e nacionalistas.

Por que, de facto, o caracter deste estrangulado movimento é retinta e inconfundivelmente reaccionario.

Collegio Alexandre Herculano

Este excellente estabelecimento de educação, de que é director o nosso distincto amigo Sr. Alfredo de Berredo, reabriu as suas aulas no dia 10 do corrente.

Do corpo docente faz parte o Sr. General Correia dos Santos, um dos professores mais considerados e illustrados do nosso paiz.

OS PADRES

Nas hostes aguerridas de Couceiro encontram-se, segundo rezam as chronicas, certos *padres!*

Alguns d'elles são nossos conhecidos, e bem tristemente celebres se tornaram cá por varios feitos de reaccionarios impenitentes. Lá figura, por exemplo, o Padre Conde, famigerado jesuita, ex-abbade de Paramos.

Entre os conspirantes da ultima bernarda, que felizmente se frustrou, abundam tambem os sacerdotes.

Que diabo de caridade evangelica é a d'estes phariseus? E a religião de pistola e cutello!

E querem os farçantes, hypocritas e malandros da peor especie, que o povo ainda os tome a serio?

Refalsada corjal

Administrador do concelho e Presidente da Camara municipal

Os nossos amigos Dr. Pinto Coelho e Mentenegro dos Santos reassumiram, respectivamente, as funções de administrador do concelho e presidente da camara municipal.

MEDIDA ACERTADA

A camara resolveu proceder com todo o rigor contra os proprietarios que continuarem a deitar as aguas dos seus predios para as ruas publicas.

Ha muito que vinham sendo apresentadas queixas fundamentadas contra a falta de hygiene publica motivada por tal abuso. Em virtude d'uma queixa apresentada na sub-delegacia de saúde pelo importante industrial Sr. Alexandre Brandão, esta repartição reclamou da camara energicas e immediatas providencias. Esta por sua vez pediu a intervenção do digno administrador do concelho e assim é de esperar que o abuso desapareça.

Dr. Bessa de Carvalho

Partiu para o estrangeiro este nosso presado amigo e digno deputado da nação. Foi acompanhar seu filho Alvaro, que vae continuar os seus estudos.

Boa viagem e breve regresso.

Cautella

Diz-se que na noite da celebre revolução do norte houve na freguezia de Riomeão, da Feira, tentativa de revolta por parte de varios elementos reaccionarios da localidade.

Os sinos tocaram a rebate e chegaram a juntar-se conhecidos caceteiros.

O que haverá de saudade?

Infelizmente, a Feira tem dado rasoavel contingente para as hostes consp rateiras. Haja vista aos casos d'Anta e Paramos.

Bom será que se olhe com cuidado para essas causas.

Batalhão de Voluntarios

Na passada sexta feira realisou-se a sessão inauguravel da fundação do batalhão de voluntarios d'Espinho, tendo o prestante cidadão Raul Tamagnini, brioso e illustrado funcionario superior da alfandega do Porto, em comissão no posto de despacho aduaneiro d'esta praia, pronunciado eloquente discurso.

Começou este orador por se congratular com a numerosa assembleia pela sua patriótica iniciativa, tanto mais aproveitavel e digna de elogio quando é certo que nesta hora um bando de traidores á causa popular, á causa da Republica, tenta lançar a perturbação nesta nossa querida patria, enfraquecendo-lhe as forças vitais pelo acrescimo de despeza que provocam ao Estado e pelo desassocego em que lançam os espiritos. Fez depois a historia dos batalhões voluntarios em alguns dos principaes paizes onde o fogo sagrado das revoluções tem redimido a consciencia publica do oprobrio da tirania. Assim, mostrou como em França no tempo da grandiosa revolução de 1789 e no tempo da Comuna os batalhões voluntarios intervieram eficazmente, marchando sempre na vanguarda dos revoltosos em defesa dos direitos do homem, Citou o facto d'abnegação e patriotismo dos batalhões voluntarios que em Portugal se formaram a quando das lutas constitucionaes, fazendo especial menção do celebre batalhão academico de Coimbra que se distinguiu entre os primeiros.

«E demais, afirma o orador, a aurora da Redenção estava ainda em pleno despontar. A rosa que desabrochava neste momento historico da nossa nacionalidade, apenas ha um ano, em 5 de Outubro de 1910, abriu por completo a sua corola rubra offerecendo as pétalas mimosas á caricia inebriante do orvalho da Liberdade. A força do constitucionalismo não passava duma ficção, um artificio para ludibriar o povo que começava felizmente a conhecer a sua força. Só a proclamação da Republica libertou verdadeiramente o povo portuguez, que faz agora a sua Constituição, as leis por que se rege e não as recebe como ddiva deprimente da mão dum monarca, como os escravos outrora receberiam do seu dono a carta d'alforria?»

Ao povo cumpre portanto defender a Republica acima de tudo e por tudo, porque ela é a sua vida e a sua independencia.

Faz depois um caloroso elogio do povo de Espinho em quem diz ter notado durante todo o tempo que aqui tem permanecido as mais accentuadas tendencias liberaes e progressivas, salientando o facto de veras sintomatico de que entre os miseraveis conspirantes, ultimamente capturados nesta vila, não se encontrava ninguem da chamada *arraia miuda*, com quem ele sempre se tem visto e quer continuar a ver-se. Felicita tambem a comissão fundadora e especialmente o seu velho amigo Artur Carneiro de Sá, revolucionario do 31 de Janeiro, a quem a Republica muito deve não só pela parte que tomou nesse glorioso movimento, como pela intrução por ele prestada aos grupos civis, no periodo amargo e arriscado que precedeu a implantação do novo regime. Faz votos por que este prestimose corpo que acaba de formar-se conte sempre com a sua coadjuvação sincera e valiosa e termina bradando: Viva o batalhão voluntario de Espinho! Viva o povo de Espinho! Viva a Republica! Viva a Patria! O orador, que falou por espaço duma hora, foi sempre entusiasticamente aplaudido.

Dr. Barbosa de Magalhães

Pelas 8 horas da noite d'hoje, deve realizar uma conferencia de

propaganda democratica em Aveiro o nosso presadissimo amigo e illustre deputado da nação Sr. Dr. José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães, um dos jurisconsultos mais considerados do paiz.

Falta d'azeite

Até agora não veio para este concelho azeite hespanhol, cuja falta está causando grandissimas dificuldades ás classes menos abastadas.

Tanto a camara como a autoridade administrativa tem reclamado contra tal falta, mas até hoje as suas reclamações não tem sido attendidas.

Urge pôr cõbro a tal estado de cousas.

Anniversario da Republica

Espinho festejou entusiasticamente a data gloriosa da proclamação da Republica. Não foram só as entidades officaes a manifestar o seu contentamento. A grande maioria dos habitantes d'este concelho celebrou, com todo o ardor, o primeiro anniversario das instituições republicanas.

Rara foi a casa que não illuminou as suas frontarias — Honra ao povo d'Espinho!

A companhia do Valle do Vouga, assim como o seu pessoal superior, associaram-se ás festas com uma gentileza que muito captivou os nossos sentimentos de patriotas.

A Camara Municipal inaugurou no dia 5 uma fonte luminosa, que o considerado capitalista e proprietario sr. João Marques dos Santos havia offerecido ao municipio.

Durante o dia a excellent banda da importante fabrica Brandão Gomes & C., executou, além da «Portuguesa» e «Maria da Fonte», um variado numero de escolhidas musicas.

A noite os briosos bombeiros municipaes e alguns grupos recreativos, acompanhados pelas autoridades administrativas, percorreram as ruas da villa em constantes e calorosas saudações á Republica, á Patria, ao Povo e vultos eminentes da politica republicana.

A passagem pelas residencias dos membros da colonia franceza houve affectuosas saudações á França, que foram correspondidos com vivas á Republica Portuguesa.

Espinho provou bem estar de alma e coração com a Republica.

Ligeiras notas

O governo está munido de todos os elementos indispensaveis para completa liquidação dos *couceiristas*.

Confia plenamente na força armada e nos civis que tantos serviços tem prestado á causa da Republica.

E' excellente a disposição dos soldados e officaes de serviço na fronteira, provando todos, sem a menor excepção, bem servir a causa da Patria.

O Grupo Democratico Parlamentar resolveu dar todo o apoio ao governo na actual situação.

As provincias do norte tem-se conservado no maior socego, não tendo assim logrado o acolhimento de apoio com que contavam os maluquinhos da conspiração.

Tropas para a fronteira

Na sua passagem por esta praia, o regimento de infantaria 24 e a força de marinheiros que se dirigiam á fronteira tiveram na *gare* do caminho de ferro vivas demonstrações de sympathia e applauso pela nobre causa que iam defender.

O importante capitalista sr. Domingos Fernandes da Silva, commovidissimo pelo bello espectáculo de disciplina e amor patrio dado pelos bravos militares, fez distribuir pelos soldados de aquelle regimento a quantia de cem mil reis.

Bem haja quem tão bom uso sabe fazer do seu dinheiro. Exemplos d'estes ennobrecem quem os pratica.

A conspiração no districto d'Aveiro

Dentro d'Espinho havia, infelizmente, quem conspirasse contra a integridade da Patria, preparando-se para secundar o movimento iniciado na fronteira por portuguezes degenerados.

O districto d'Aveiro estava destinado a representar papel de destaque na conspirata paivante.

Além d'Espinho, em Agueda, Oliveira do Bairro, Angeja, e na sede do districto descobriram-se focos de conspiradores, promptos para á primeira voz manobrem ás rdens de antigos e depravados caciques.

Os presos d'este concelho encontram-se já n'um dos fortes da capital, para onde foram remetidos juntamente com o das outras localidades. São elles: Joaquim Ferreira de Sousa, Abilio Augusto Ribeiro da Silva, Alberto Fernandes, Manuel Maximiano dos Santos, José Antonio da Silva Carvalho, Arnaldo Alves d'Oliveira e dr. Luiz Alves d'Oliveira Couto.

O nosso collega «Campeão das Provincias» refere-se assim ao acontecimento:

«O movimento iniciado na fronteira e secundado cá dentro pelos que romperam contra a integridade da Patria, tinha, infelizmente, adeptos em torno de nós.

Em Agueda, Oliveira do Bairro, na Angeja, em Espinho, e n'outros pontos do districto descobriu-se-lhe as ramificações.

E que sede de sangue contra o regimen, que lhes garantiu a liberdade disfrutada até agora! Era execravel o plano da sua vingança!

Era o roubo, era o sangue, era a confiscação dos nossos bens, era o exterminio de toda a familia republicana, á mão armada, que se planejava. A morte pelo ferro, a morte pelo fogo, a morte por mil formas de horrorosa carnificina. Não se poupavam sequer os que transitam pelo caminho de ferro. Em Oyã, a dois passos de nós, levantaram-se os *rails* para fazer despenhar os comboios!

Ahi estiveram nas prisões locais, os auctores do attentado, á frente dos quaes se encontrava o parcho da freguezia!

Attribue-se-lhe o malevolo intento. E' um padre!

O plano, segundo informações fidedignas, era chacinar impiedosamente fossa quem fosse que se lhes atravessasse no caminho. A alguns dos aventureiros, os dirigentes do *complot* haviam até distribuido alfanges de lamina afiada destinados a retalhar a carne dos defensores da Republica! Cercar-se-hiam as casas aos funcionarios do novo regimen e derrubavam-se a tiro ou machado, se tentasse sahir á rua.

Os cabecilhas fizeram espalhar, com visos de verdade, que Paiva Couceiro entraria em Portugal trez ou quatro horas antes de rebeitar o movimento, assumindo o commando superior das forças monarchicas e a direcção da chacina de republicanos.

Isto estava já também n'um plano primitivo, de que demos conta por ocasião das primeiras prisões que se effectuaram em Aveiro.

E' o cumulo da atrocidade e da fereza!

Que diferença nos processos do regimen republicano, que a todos garante o direito á vida!

Previsão do tempo

—(*)—

Sfeijoon, o celebre meteorologista, faz as previsões seguintes acerca do tempo provavel durante a primeira quinzena do mez corrente.

De 7 a 8, haverá bom tempo na peninsula e apenas no Mediterraneo se fará sentir uma certa perturbação no dia 7, devido á influencia do minimo barometrico que haverá na Argelia.

Em 9, começará a desenvolver-se na peninsula uma alteração atmospherica de certa importancia, determinada por uma depressão oceanica que n'esse dia se avisinhará da bahia de Cadiz e do Estreito de Gibraltar, dando origem a alguma chuva na Andaluzia e sul de Portugal.

Em 10, a referida depressão avançará para nós e o seu nucleo principal encontrar-se-ha entre o mar Iberico e o centro da peninsula, agravando-se ainda mais a situação d'esta; far-se-hão sentir chuvas e algumas trovoadas, principalmente de Andaluzia para o centro e parte orientada da peninsula.

Em 11, haverá uma depressão no Mediterraneo entre Alicante e Argelia e outra no sudoeste de Hespanha até á Extremadura e parte oriental da Andaluzia. Continuará a haver chuva e trovoadas na peninsula, principalmente na metade do sul.

De 12 a 13, aquella depressão do sudoeste, que terá perdido de intensidade, exercerá influencia em Marrocos e Argelia, e outro centro de perturbação aerea evolucionará pelo norte e nordeste de Hespanha. Irá melhorando o estado atmospherico da peninsula, mas, apesar d'isso, haverá chuva e trovoadas desde o meridiano central ao Mediterraneo.

De 14 a 15, passará pelo Atlantico, ao lado das costas de Portugal e Galliza, uma depressão que ocasionará chuvas na parte occidental da peninsula e d'ahi se propagarão um tanto para a parte central.

PORTO A LISBOA

Grandes corridas

= EM =

Bicyclettes e Motocyclettes

ORGANISADA PELA

UNIÃO VELOCIPEDICA PORTUENSE

A Inscrição fecha ás 12 horas da noite do dia 17 de Outubro e acha-se patente ao publico no BAZAR UNIVERSAL.

Para mais esclarecimentos dirigir-se ao delegado da UNIÃO VELOCIPEDICA PORTUENSE,

Eurico Pouzada.

Versos

Gostosamente publicamos hoje a poesia que o nosso correligionario Abel Gomes se dignou, para tal fim, endereçar-nos.

Dando satisfação ao desejo do nosso estimado collaborador só nos resta agradecer-lhe a deferencia da sua collaboração.

DEMISSÃO

Pedi a sua demissão de Regedor effectivo d'Espinho o nosso presado correligionario, Sr. Manuel Cazal Ribeiro. As multiplas laboriosas occupações do Sr. Cazal Ribeiro determinaram-no a insistir na resolução agora effectivada e que muito lamentamos. O Sr. Cazal Ribeiro depoz nas mãos do respectivo substituto, o nosso amigo José Xabregas, as funções de seu cargo, cuja exoneração ha muito solicitara e que sempre desempenhou com muita solicitude e intelligencia.

ANIMAES NOSSOS AMIGOS

Versos de Affonso Lopes Vieira
Illustrações (a côres) de Raul Lino
Para as creanças

Este livro sae inteiramente dos moldes habituaes das publicações portuguezas para creanças, e podemos afirmar sem receio que elle abre, como livro de arte para a infancia, um caminho novo em Portugal. As suas paginas encerram lições de bom gosto. As poesias, de facil assimilação, interessam os pequenos leitores, sugerindo-lhes noções em ritmos variados. As illustrações, alegres e decorativas, completam lindamente a leitura.

Cremos que o publico saberá corresponder a esta sincera tentativa, para o brilho da qual auctores e editores, tendo em vista produzir uma obra nacional, se não pouparam a esforços e sacrificios, porque ella inicia entre nós um dos mais bellos e earinhos ramos da litteratura artistica moderna.

Libraria Ferreira, editora-Lisboa.

Collaboração alheia

Extranhos á controversia em que o Sr. Roberto Fernandes se vem empenhando, damos hoje lugar a um pequeno artigo d'aquelle cidadão.

Em abono da verdade, temos a referir que só por culpa nossa, pela precipitação com que sahiram os ultimos numeros da «Gazeta», foi protelada a publicação do artigo referido, que ha muito tempo conservavamos em nosso poder.

D'isto pedimos venia ao auctor.

CASOS E NOTICIAS

Expediente

Os ultimos acontecimentos trouxeram ao corpo de redacção d'este periodico uma accumulção extraordinaria de serviço, extranhos embora ás lides jornalisticas, que lhes preoccuparam todo o tempo d'este mister. D'ahi resultou demora de confecção que velu atrazar o serviço de expedição regularizado. Além d'isto um desarranjo na composição do ultimo numero obrigou nos a inutilisar a edição já feita. Por isso decidimos dar este numero de oito paginas para compensar a falta da GAZETA na ultima semana. Que de tudo nos perdoe a benevolencia dos nossos leitores e assignantes.

Camara Municipal—(Extracto da sessão da Comissão Municipal Administrativa de 9 d'outubro)—Presidencia do cidadão Antonio Montenegro dos Santos, presentes os vereadores Joaquim de Sá Alves d'Oliveira, Alberto Loureiro, João Francisco da Silva Guestim e Avelino Vaz. Presente tambem o cidadão Joaquim Pinto Coelho, admialstrador do concelho.

Foi lida, approvada e assignada a acta da sessão anterior e depois apresentado o seguinte expediente:

Officio da administração do concelho enviando uma participação de transgressão de postura contra Maria da Conceição e Rosa Soares, por lançarem agua á rua.—A Camara deliberou mandar intimar as transgressoras a pagarem a multa.

Outro da mesma procedencia enviando outra participação d'um incendio occorrido na fuligem d'uma chaminé.—

A Camara deliberou que se officiasse ao commandante da Corporação dos Bombeiros Voluntarios para dar a respectiva participação.

Outro da mesma repartição enviando uma participação contra Adelino Alves Vieira, Francisco Pinhal e viuva de Antonio Maria, por deixarem carros de mão abandonados na via publica.—A Camara resolve mandar intimar os transgressores para pagarem as multas em que incorreram.

O sr. Administrador do concelho reclama que sejam cumpridas as prescripções sobre limpeza e hygiene d'esta praia e sobre tudo o que diz respeito a dejectos que vem para a rua. Deseja que esta reclamação fique consignada na acta para que de futuro a responsabilidade vá a quem compete.

A Camara acha justas as considerações do sr. Administrador do concelho e delibera mandar tapar todos os buracos que dão passagem a agua ou detritos para as ruas, e applicar com severidade, as multas que a lei estatue, aos que abrirem outra vez os buracos que a Camara mandar tapar.

Deliberou a Camara que fique a cargo do sr. vereador Oliveira a superintendencia no pessoal jornalheiro da Camara.

O vereador sr. Oliveira expõe o que pode averiguar com respeito á queixa apresentada na sessão anterior por Manoel dos Santos Nogueira, sobre o serviço do aluguer de terrenos por occasião das festas d'A u da, e a Camara delibera que o fiscal a cargo de quem esteve esse serviço pague do seu bolso as quantias que deixou de receber da barraca do Pinto e de José Alves de Sá.

A Camara resolve ir no fim da sessão em victoria á rua que a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes damnificou a nascente da linha em construção a fim de deliberar depois sobre a maneira de restabelecer o transito pela referida rua.

Foi presente o balancete da thesouraria accusando em cofre da Camara a quantia de 910:566 reis, e na Caixa Geral de Depósitos, em fundo de viação 433:830 reis.

Foram auctorizados varios pagamentos e em seguida encerrada a sessão.

O artigo que hoje publicamos em segundo logar foi escripto pelo dr. Theophilo Braga para o nosso intemerato collega O Mundo, d'onde, com a devida venia, o transcrevemos.

Dr. Manuel Laranjeira

Accentuam-se, dia a dia, as melhoras d'este nosso prestigioso correligionario e bom amigo. Estimamos sinceramente.

Julio Mourão

Encontra-se ligeiramente incommodado este nosso presado amigo e valioso correligionario.

CHRONICA AGRICOLA

Contabilidade

O artigo 9.º do decreto de 4 de maio

Para os que queiram cumprir honestamente o disposto no art. 9.º do decreto de 4 de maio do corrente anno, para os que desejem ministrar com sinceridade, sem dar margem a suspeições deshonrosas, as declarações do rendimento liquido de cada uma das suas propriedades rusticas, unanimemente afirmou, a ultima assembleia da lavoura, realisada na Assembleia Central de Agricultura, que isso era extremamente difficil e mesmo impossivel, na ausencia de escripturação sufficientemente elucidativa, mormente tratando-se de propriedades englobadas n'uma exploração.

Embora a argumentação fosse clara e insophismavel, não obstante o confesso reconhecimento da deficiencia das actuaes matrizes, apesar da demonstrada boa fé, da provada boa vontade de se contribuir com a quota justiceiramente distribuida, poder-se ha estranhar uma tal afirmação, lançada á conta de intuitos usurarios ou de uma defensiva condenavel, filia-la n'uma ignorancia deprimente, funesta aos proprios interesses, e por isso mesmo indigna da mais boçal credulidade. Assim podem julgar os que arreçados da vida agricola, ou alheios aos mais comezinhos factores do seu mecanismo, se deixam arrastar por meras phantasias do seu espirito, bem mais ignorante do que a ignorancia que levianamente condenam, ou por simples deducções tiradas por comparação com outras industrias, cujos methodos de exploração, absolutamente diferentes, por forma alguma podem facultar dados que prestem, até aos mais duros tratos da logica, a apoiar taes deducções.

A tendencia da agricultura mais avançada para a industrialização das suas empresas faz sentir, principalmente nos paizes onde a cultura intensiva atinge o mais alto grau de perfectibilidade, a urgencia de uma administração financeira severa pelo methodo de contabilidade por partidas dobradas; e eis a razão porque na Suecia na Filandia, Noruegua, Hollanda, Dinamarca, Allemanha, etc.; tal problema se apresente, como necessidade imperiosa, inadiavel, ao progresso d'esses paizes. Mas ha dificuldades consideraveis para achar uma solução racional a esse problema, diz o Boletim do Instituto Internacional de Agricultura; e apesar da instrucção e ensino agricola terem melhorado consideravelmente «não é todo o camponez que comprehende a sciencia da contabilidade, mesmo que a applique á sua propria exploração.»

Que succede na Dinamarca

«Na propria Dinamarca, onde a exploração intensiva tem feito rapidos progressos, apenas em algumas granjas chegadas a um alto grau de progresso tecnico se tem estabelecido os balanços referentes ás diversas culturas das terras araveis de alguns campos de experiencia. Apenas ahi se tem desenvolvido as conhecidas associações, que se occupam no exame do rendimento do leite, e da quantidade de forragem consumida pelo gado. Mas este serviço só visa a uma parte da exploração total, d'essas granjas, e nada diz sobre o resultado economico de toda a exploração, nem sobre as relações reciprocas que existam entre os rendimentos de cada uma das culturas, e de cada um dos diversos ramos da criação de gado.»

A opinião do professor Zolla

Por isto se vê que não é só a

lavoura portugueza que comete o pecado de se abandonar ás contas do sacco, que descarta o trabalho de pesquisar os resultados economicos de cada cultura, e dentro d'esta limital-os a cada parcella da sua exploração global, de modo a conhecer com fundamento iniludível o verdadeiro rendimento das suas terras, os interesses que umas dão e os prejuizos que outras causam. E se isto acontece n'um paiz de agricultura intensiva, bastante industrializada, em que a fertilidade do solo permite a divisão da terra, em que a cultura, simples pelo seu principal objectivo, confinada em tractos de pequena area, muito reduz a engrenagem e distribuição do trabalho, sem os subsídios e compensações de outras a desafarem o mais perspicaz contabilista para os calculos e lançamentos, não admira que no nosso paiz outro tanto succeda, não constituindo motivo para espanto, nem para exprobações, quando sinceras.

O rendimento liquido de cada propriedade só pode ser dado pela somma dos rendimentos liquidos de cada cultura que n'ella se explora, mas para estes se estabelecerem em dados verdadeiros necessario se torna procurar o custo da produção, partir do preço por que os generos ficam depois da colheita. E, dirão muitos, basta calcular todas as despesas e dividir pela colheita, para termos o custo de produção por unidade, que comparado com o preço do mercado dará a solução procurada.

«Tudo isto é evidente nos olhos do publico que não é sufficientemente instruido das realidades, diz o professor Zolla. De facto, o calculo do custo especial apresenta difficuldades insuperaveis quando se trata de um producto agricola. Duas razões explicam esta impossibilidade de calcular de um modo rigorosamente exacto o total das despesas da produção: 1.º em agricultura, as materias primas empregadas são—quasi sempre produzidas na propriedade e não compradas; o custo d'estas materias é pois difficil, incerto ou impossivel; 2.º Em agricultura, o trabalho motor executado pelos animaes não é pago pois que o cultivador não executa os seus serviços como qualquer empregado; ora o preço d'esse trabalho não pode ser determinado se não se conhecer: 1.º o valor dos alimentos, que está dependente da importancia que se attribui a esse mesmo trabalho; 2.º o valor dos estrumes, as despesas de arreios, de penso, etc. O problema fica indeterminado, a solução exacta fica incerta ou impossivel.»

Mas ha mais, continua Zolla. O preço da venda não é de menos difficil precisão que o do custo, porque senão vendem certas substancias produzidas e consumidas no dominio, e se transformam em trabalho motor, em carne, leite, lã, etc. Os proprios abusos fornecidos ao solo não são absorvidos pela primeira colheita, e se á conta d'esta lançassemos a importância da adubação sobre-carregal-a-íamos com uma despesa que ella não faz, aliviando a colheita seguinte de um tributo que ella usufruiu. Não sómente desconhecemos o valor exacto da adubação de uma colheita, mas ignoramos em que medida ella a inutilisa, a absorve e a cede ás culturas seguintes. E' pois arbitraria a repartição do valor dos abusos confiados a um campo onde se succedem diversas sementeiras, como arbitraria é a distribuição pelas contas da cultura das despesas de locação, despesas geraes, impostos, amortizações, reparações de material, etc., etc.

Mas suppunhamos que se estabelecem de um modo satisfato-

Os elementos de uma conta especial a tal cultura. E' claro que cada anno esses elementos variam com as cotações do mercado com a abundancia da colheita com a dificuldade dos amanho, culutraes, com a variação dos salarios, etc. «Se o custo da produção varia assim cada anno, o que não acontecerá quando se mudar de contabilista, porque o arbitrio inevitavel das avaliações admite a existencia de tantos preços quantos os metodos, as hypotheses ou as apreciações adoptadas por homens igualmente sinceros e competentes.»

Mão ha paridade alguma entre o que se passa no comercio ou na industria e a industria; «esta não pode organizar as suas contas do mesmo modo e com a mesma precisão simplesmente porque os modos de produzir e operar são diferentes.»

O que diz o professor Dubos

«Coloquem-se com contabilistas na mesma sala, confie-se-lhes o trabalho de estabelecerem o custo da produção da mesma cultura, na mesma exploração e com os mesmos elementos; não se encontrarão dois resultados eguaes.» Esta afirmação, feita pelo professor Dubost um verdadeiro mestre em economia rural, dá bem a medida das dificuldades da contabilidade agricola.

«O custo da produção, continúa Dubost, é uma das mais admiraveis phantasmagorias que têm aparecido. Na discussão de todas as questões economicas em jogo com os interesses agricolas, é sobre elle que se confina o debate. Em lugar de remontar aos principios, isto é, aos factos geraes, limitam-se quasi sempre á colher argumentos nos resultados tão complexos, tão fragéis e tão dispartados d'uma contabilidade essencialmente viciosa. Quem desconhece o que se passou com o inquerito agricola de 1886? Foram taes os dispartes, que Lavenay, presidente de uma circumscripções, declarou: O custo da produção foi estabelecido tão diversamente que o resultado nenhuma confiança merece; a verdade é que os agricultores nada sabem, e que, mesmo com calculos muito precisos, chega-se a resultados muito contradictorios, em consequencia da variedade dos elementos das contas.»

O severo cumprimento da lei

Ora se taes dificuldades surgem para a organização da conta exacta de uma cultura, como será facil ou viavel calcular o rendimento liquido, principalmente de propriedades reunidas em cultura extensiva, dadas as relações constantes, as dependencias, as compensações, as promiscuidades de trabalhos, os incidentes na sua applicação, a repartição de capitales que só se poderá conhecer pela valorisação dos serviços? Limitando as declarações aos actuaes rendimentos da matriz, o Estado continuará a ser defraudado, sophismado o principio moralizador da lei, cuja acção será annullada, sem ao menos communicar o menor abalo á injustiça flagrante que se nota na tribulação da propriedade.

E é justamente isto que está acontecendo aos que tentam cumprir a lei, na impossibilidade de recorrerem a outros processos. Mas é isto que se pretende não; e aos que combatem a lavoura, atribuindo-lhe propositos que não fundamentam, melhor andariam, se souberem e puderem, abrindo-lhe caminho franco e facii ao severo cumprimento da lei. Só então seleccionariam os sinceros e os hypocritas, os honestos e os immoraes, das victimas e os parasitas.

J. M. Assumpção

(Da «Lucta»)

CAMINHO DE FERRO DO VALLE DO VOUGA

Horario dos comboios desde o dia 17 de Setembro de 1911

ESTAÇÕES	N. 1	N. 3	N. 5	N. 7	N	ESTAÇÕES	N 2	N. 4	N. 6	N. 8	N. 10
	Mixto Diário		Mixto Diário								
	M.	T.	T.	M.		M.	M.	T.	M.	T.	
Espinho Praia	Partida	8,30	4,42	6,30		Aveiro	Part.				9,02 6,00
Espinho-Vouga	»	8,33	4,45	6,33		Azurba (parag.)	»				9,18 6,12
Silvalde (ap.)	»	8,38	4,50	6,38		Eixo	»				9,19 6,18
Paramos (ap.)	»	8,41	4,53	6,41		S. João de Loure (parag.)	»				9,20 6,23
Sampaio-Oleiros	»	8,48	5,02	6,50		Eirol	»				9,3 6,30
Paços de Brandão	»	8,56	5,08	6,57		Travassô (parag.)	»				9,36 6,36
Rio Meão (ap.)	»	9,01	5,13	7,03		Canabões (parag.)	»				9,41 6,41
S. João de Vêr	»	9,08	5,21	7,11		Cazal d'Alvaro (parag.)	»				9,45 6,45
Cavaco (ap.)	»	9,14	5,27	7,18		Oronho (parag.)	»				9,49 6,49
Sanfins (ap.)	»	9,19	5,32	7,24		Agueda	»				10,00 7,00
Villa da Feira	»	9,22	5,36	7,28		Mourisca	»				10,11 7,11
Arrifana (ap.)	»	9,31	5,43	7,39		Agueira (parag.)	»				10,17 7,17
S. João da Madeira	»	9,36	5,50	7,44		Carvalho da Portella (parag.)	»				10,26 7,26
Couto de Cocujaes	»	9,44	5,59	7,45		Macinhata do Vouga (parag.)	»				10,32 7,32
S. Thiago (ap.)	»	9,49	6,04	8,01		Jafafe (parag.)	»				10,38 7,38
	Cheg.	9,53	6,08	8,06		Sernada (parag.)	»				10,44 7,44
							Cheg.				11,0 8,00
Oliveira d'Azemeis	Partida	9,58		8,11		Albergaria-a-Velha	Part.				0
Ul	»	10,04		8,18			Part.		6,53	2,37	
Travanca (ap.)	»	10,11		8,26		Albergaria-a-Nova	»		7,11	2,56	
Figueiredo (ap.)	»	10,18		8,35		Branca	»		7,17	3,03	
P.º da Bemposta	»	10,22		8,41		Pinh.º da Bemposta	»		7,23	3,10	
Branca	»	10,29		8,48		Figueiredo (parag.)	»		7,28	3,16	
Albergaria-a-Nova	»	10,38		8,58		Travanca (parag.)	»		7,35	3,25	
	Cheg.	10,52		9 13		Ul	»		7,42	3,33	
							Cheg.		7,47	3,39	
Albergaria-a-Velha	Partida			6,00	2,04	Oliveira d'Azemeis	Part	6,02	7,55	3,44	
Sernada (ap.)	»			6,20	3 00	S. Thiago (parag.)	»	6,07	8,00	3,50	
Jafafe (ap.)	»			6,23	3,03	Couto de Cocujaes	»	6,13	8,06	3,57	
Machina do Vouga (ap.)	»			6,29	3,09	S. João da Madeira	»	6,22	8,15	4,08	
Carvalho da Portella (ap.)	»			6,35	3,15	Arrifana (parag.)	»	6,26	8,19	4,12	
Agueira (ap.)	»			6,44	3,24	Villa da Feira	»	6,36	8,29	4,24	
Mourisca	»			6,50	3,30	Sanfins (parag.)	»	6,39	8,32	4,27	
Agueda	»			7,04	3,44	Cavaco (parag.)	»	6,44	8,37	4,33	
Oronho (ap.)	»			7,12	3,52	S. João de Vêr	»	6,50	8,44	4,40	
Cazal d'Alvaro (ap.)	»			7,16	3,56	Rio Meão (parag.)	»	6,57	8,51	4,48	
Cabanões (ap.)	»			7,20	4,00	Paços de Brandão	»	7,02	8,57	4,54	
Travassô (ap.)	»			7,25	4,05	Sampaio-Oleiros	»	7,08	9,03	5,01	
Eirol	»			7,31	4,11	Paramos (parag.)	»	7,15	9,10	5,10	
S. João de Loure (ap.)	»			7,38	4,18	Silvalde (parag.)	»	7,18	9,13	5,13	
Eixo	»			7,43	4,23	Espinho-Vouga	»	7,23	9,18	5,18	
Azurba (ap.)	»			7,49	4,29	Espinho-Praia	»	7,25	9,20	5,20	
Aveiro	Chegada			8,00	4,40						

Os Comboios n.ºs 7-8-9 e 10 circulam entre Albergaria-a-Velha e Aveiro desde o dia 8 de Setembro de 1911

Excerto do grande livro de Kropotkine—La grand Révolution

1789-1793

I

As duas grandes correntes da Revolução.

Duas grandes correntes prepararam e fizeram a Revolução. Uma, a corrente das ideias,—a onda de ideias novas sobre a reorganização politica dos Estados, vinha da burguezia. A outra, a da acção,—vinha das massas populares—dos populares e dos proletarios das cidades, que pretendiam obter uma melhoria immediata e palpavel das suas condições economicas.

E, foi no momento em que estas duas correntes se juntaram para um fim commum no seu principio, quando se prestaram durante algum tempo um apoio mutuo, que se fez a Revolução.

Já de longe os philosophos do seculo dezoito vinham minando os fundamentos das sociedades (policées) da epocha em que o poder politico bem como uma immensa parte da riqueza pertencia á aristocracia e ao clero, emquanto que a massa do povo era a besta de carga dos poderosos.

Proclamando a soberania da razão, insuflando confiança na natureza humana e declarando que ella, corrompida pelas instituições que, através dos tempos impuseram ao homem a escravidão, reacquiriria contudo todas as suas qualidades desde que reconquistasse a liberdade, esses philosophos rasgaram á humanidade, horisontes novos.

Proclamando a egualdade de todos os homens, sem distincção

d'origem, e pedindo a obediencia de cada cidadão—fosse rei ou camponez—á lei, julgada exprimir a vontade da nação, desde que tivesse sido feita pelos representantes do povo, pedindo emfim a liberdade dos contractos entre homens livres e a abolição da escravidão feudal, formulando todas estas reclamações, ligadas entre si pelo espirito systematico e pelo methodo que caracterizam o pensamento do povo francez,—esses mesmos philosophos tinham certamente preparado a queda do antigo regimen, pelo menos nos espiritos.

Porem, isto só não bastava para fazer estalar a Revolução. Era preciso passar da theoria á acção; do ideal concebido em imaginação á pratica dos factos; e o que hoje importa sobretudo ser estudado pela historia, são as circunstancias que forçaram a nação franceza a, n'um dado momento, realizar este esforço: começou a realização do ideal.

Por outro lado, muito tempo antes de 1789, a França tinha entrado já n'um periodo de insurreições. A subida de Luiz 16 ao throno, em 1774, foi o signal de uma serie de revoltas da fome. Duraram até 1783. Veio depois um periodo de relativa acalmção.

Porem, desde 1786, e sobretudo desde 1788, as insurreições de populares recommçaram com uma energia nova. A fome tinha sido a causa principal dos movimentos da primeira serie. Contudo, se a falta de pão continuava sendo uma causa dos levantamentos, era acima de tudo o desejo de não mais pagar os tributos feudaes, que levava o povo á revolta. Até 1789, o numero d'estes movimentos foi augmentando, por

fim em 1789, generalisaram-se em todo o este, nordéste e sudéste da França. Desagregava-se assim o corpo social. Contudo, uma insubordinação de populares (jacquerie?) não é uma revolução, ainda que tomasse formas tão terribes como a dos camponezes russos em 1773, debaixo da bandeira de Pugatchoff.

Uma revolução, é infinitamente mais que uma serie de insurreições nos campos e nas cidades. E' mais do que uma simples lucta dos partidos—tão ultrajante em si mesma, mais do que uma batalha nas ruas, e muito mais que uma simples mudança de governo, como a França fez em 1830 e 1848.

Uma revolução, é o reviramento rapido, em poucos annos, de instituições que tinham levado seculos a arraigar-se no sólo e que pareciam tão estaveis, tão immutaveis, que os reformadores mais fogosos mal ousavam atacar-as nas suas obras. E' a queda, o esmigalhamento em um pequeno numero d'annos, de tudo o que constituia até então a essencia da vida social, religiosa, politica e economica d'uma nação, a reviravolta de ideias adquiridas e de noções correntes sobre as relações tão complicadas entre todas as unidades do rebanho humano.

E', finalmente, o brotar de concepções novas, egualitarias, sobre as relações entre os cidadãos, concepções que dentro em pouco se convertem em realidades e então começam a raiar sobre as nações visinhas, revolvem o mundo e dão ao seculo seguinte o seu mot d'ordre, os seus problemas, a sua sciencia, as suas linhas de desenvolvimento economico, politico e moral.

Para chegar a um resultado

d'esta importancia, para que um movimento tome as proporções d'uma Revolução como aconteceu em 1648-1688 em Inglaterra e em 1789-1793 em França, não basta que um movimento de ideias se produza nas classes instruidas.—qualquer que seja a sua profundez; e não basta só que se produzam motins no seio do povo qualquer que seja o seu numero e extensão.

E' preciso que a acção revolucionaria, vinda do povo, coincida com o movimento do pensamento revolucionario, vindo das classes instruidas. E' precisa a união dos dois.

Foi por isso que a Revolução franceza, assim como a Revolução ingleza do seculo precedente, se produziu no momento em que a burguezia, depois de ter exgotado a philosophia de seu tempo, chegou á consciencia dos seus direitos, concebeu um novo plano d'organização politica e, forte pela sua sciencia, obrigada pela necessidade, se sentiu capaz de governar arrancando o poder ás mãos d'uma aristocracia palaciana que atirava o reino para a completa ruina, pela sua incapacidade, pela sua leviandade e pela sua dissipação.

Mas, por si só, a burguezia e as classes instruidas não teriam feito coisa alguma, se pela sequencia de circunstancias multipas, a massa popular não tivesse sido tão abalada e por uma serie continuada de insurreições que duraram 4 annos, não se tivesse dado aos descontentes das classes medias a possibilidade de combater o Rei e a Côte, de revirar as velhas instituições, e de mudar completamente o regimen politico do reino. Contudo, a historia de este duplo movimento está ainda por fazer.

Ignotus

A um amigo d'Espinho...

Com o titulo que me serve de epigraphe, escrevi ha dias n'este mesmo logar, uma local, na qual censurava as apreciações injustissimas que o correspondente de «A Educação Nacional» havia feito ácerca da Batalha de Flores.

O correspondente a que allude, em vez de tomar em consideração as recriminações que lhe fiz, para não mais se enredar em assumptos que se prendam com o progresso d'esta praia, que odeia, voltou sete dias depois, com um arrazoado, atravez do qual deixa transparecer, embora assim o não quizesse, as culpas que lhe attribui.

Sem mesmo querer dar ao correspondente em questão, que so occulta sob o pseudonymo de Ego, por não ter a hombridade de assignar as porcarias com que tenta sujar-me, a minima parcela de conside ação, como já o declarei, lhe peço exponha tudo quanto a meu respeito sabe de deshonroso, visto nenhum receio me inspirarem as suas reticencias.

Roberto Fernandes.

HORARIO DOS COMBOYOS

Do Porto a Espinho e Aveiro e vice-versa

Desde 15 de Maio de 1911

Estações	1502		1504		18		1506		1508		56		20		1510		1512		1514		4		1518		3242		1520		54		1522		1524		1526		8		1528			
	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.				
S. Bento	12.20	5.18	6.35	7.0	8.11	8.56	9.40	11.20	12.45	2.13	3.6	3.30	4.36	5.0	5.10	5.58	8.10	8.45	10.20																							
Gampanhã	12.30	5.30	6.50	7.10	8.20	9.6	9.50	11.30	12.55	2.25	3.20	3.41	4.52	5.10	5.20	6.10	8.20	9.5	10.30																							
General Torres	12.38	5.37	7.18	8.28	9.17	10.9	11.45	1.7	2.39	3.31	3.54	4.29	4.55	5.21	5.32	6.22	8.32	9.24	10.42																							
Gaya	12.42	5.43	7.1	7.22	8.32	9.17	10.9	11.45	1.7	2.39	3.31	3.54	4.29	4.55	5.21	5.32	6.22	8.32	9.24	10.42																						
Coimbrões	12.46	5.47	7.25	8.35	9.24	10.14	11.49	1.10	2.43	3.35	4.58	5.33	6.0	6.26	6.36	7.26	9.36	10.28	11.46																							
Magdalena	12.49	5.50	7.29	8.39	9.28	10.18	11.53	1.14	2.47	3.39	4.62	5.37	6.04	6.30	6.40	7.30	9.40	10.32	11.50																							
Valladares	12.53	5.54	7.9	7.33	8.43	9.32	10.21	11.57	1.18	2.51	3.39	4.6	4.44	5.3	5.43	6.33	8.43	9.34	10.53																							
Francellos	12.57	5.58	7.37	8.47	9.36	10.26	12.2	1.22	2.56	3.44	4.67	5.42	6.09	6.35	6.45	7.35	9.45	10.37	11.55																							
Miramar	1.1	6.2	7.41	8.51	9.40	10.30	12.6	1.26	3.0	3.48	4.71	5.46	6.13	6.39	6.49	7.39	9.49	10.41	11.59																							
Aguda	1.4	6.5	7.44	8.54	9.43	10.33	12.9	1.29	3.4	3.88	4.11	4.96	5.63	5.89	6.44	8.54	9.46	11.04	12.22																							
Granja	1.8	6.9	7.19	7.48	8.58	9.30	10.39	12.14	1.33	3.8	3.48	4.33	4.56	5.14	5.33	6.48	8.58	9.44	11.8																							
Espinho	1.16	6.17	7.27	7.56	9.3	9.36	10.45	12.23	1.38	3.16	3.28	4.28	5.7	5.19	5.39	6.6	8.56	9.3	11.3																							
Pedreira	1.19	6.21	7.59	8.2	9.43	10.48	12.26	1.41	3.19	3.31	4.31	5.8	6.1	6.3	6.43	8.53	9.39	11.3	12.3																							
Sisto	1.22	6.23	8.2	8.5	9.58	10.52	12.29	1.44	3.22	3.34	4.34	5.83	6.14	6.36	6.46	8.56	9.42	11.4	12.4																							
Paramos	1.25	6.27	8.5	9.28	10.01	10.55	12.32	1.47	3.25	3.37	4.37	5.86	6.17	6.39	6.49	8.59	9.45	11.5	12.5																							
Esmoriz	1.29	6.31	7.35	8.9	9.62	10.59	12.36	1.50	3.29	3.41	4.41	5.9	6.21	6.43	6.53	9.03	9.49	11.6	12.6																							
Cortegaça	1.35	6.36	8.14	8.47	9.20	11.4	12.41	1.53	3.34	3.46	4.46	5.95	6.27	6.49	6.59	9.09	9.55	11.7	12.7																							
Carvalheira	1.40	6.41	8.19	8.52	9.25	11.9	12.46	1.56	3.38	3.50	4.50	5.99	6.31	6.53	7.03	9.13	9.59	11.8	12.8																							
Ovar	1.50	6.51	7.50	8.30	9.03	11.22	12.57	1.59	3.49	3.61	4.61	6.1	6.42	6.64	6.74	9.24	10.10	11.9	12.9																							
Vallega	1.51	6.52	7.51	8.31	9.04	11.23	12.58	2.0	3.5	4.02	5.02	6.51	7.22	7.44	7.54	9.24	10.10	12.0	13.0																							
Avanca	1.52	6.53	7.52	8.32	9.05	11.24	12.59	2.01	3.51	4.03	5.03	6.52	7.23	7.45	7.55	9.25	10.11	12.1	13.1																							
Estarreja	1.53	6.54	7.53	8.33	9.06	11.25	12.60	2.02	3.52	4.04	5.04	6.53	7.24	7.46	7.56	9.26	10.12	12.2	13.2																							
Canellas	1.54	6.55	7.54	8.34	9.07	11.26	12.61	2.03	3.53	4.05	5.05	6.54	7.25	7.47	7.57	9.27	10.13	12.3	13.3																							
Cacia	1.55	6.56	7.55	8.35	9.08	11.27	12.62	2.04	3.54	4.06	5.06	6.55	7.26	7.48	7.58	9.28	10.14	12.4	13.4																							
Aveiro	1.56	6.57	7.56	8.36	9.09	11.28	12.63	2.05	3.55	4.07	5.07	6.56	7.27	7.49	7.59	9.29	10.15	12.5	13.5																							

ASCENDENTES

Estações	1503		15		1505		1507		1509		1511		2015		1513		17		1515		53		1517		1519		1521		8		1523		1525		55		1527		11		Omnibus																																																																																																																																																																																																									
	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.																																																																																																																																																																																																									
Aveiro	5.7	5.30	5.43	6.0	6.11	6.16	6.24	6.29	6.34	6.39	6.44	6.49	6.54	6.59	7.04	7.09	7.14	7.19	7.24	7.29	7.34	7.39	7.44	7.49	7.54	7.59	8.04	8.09	8.14	8.19	8.24	8.29	8.34	8.39	8.44	8.49	8.54	8.59	9.04	9.09	9.14	9.19	9.24	9.29	9.34	9.39	9.44	9.49	9.54	9.59	10.04	10.09	10.14	10.19	10.24	10.29	10.34	10.39	10.44	10.49	10.54	10.59	11.04	11.09	11.14	11.19	11.24	11.29	11.34	11.39	11.44	11.49	11.54	11.59	12.04	12.09	12.14	12.19	12.24	12.29	12.34	12.39	12.44	12.49	12.54	12.59	13.04	13.09	13.14	13.19	13.24	13.29	13.34	13.39	13.44	13.49	13.54	13.59	14.04	14.09	14.14	14.19	14.24	14.29	14.34	14.39	14.44	14.49	14.54	14.59	15.04	15.09	15.14	15.19	15.24	15.29	15.34	15.39	15.44	15.49	15.54	15.59	16.04	16.09	16.14	16.19	16.24	16.29	16.34	16.39	16.44	16.49	16.54	16.59	17.04	17.09	17.14	17.19	17.24	17.29	17.34	17.39	17.44	17.49	17.54	17.59	18.04	18.09	18.14	18.19	18.24	18.29	18.34	18.39	18.44	18.49	18.54	18.59	19.04	19.09	19.14	19.19	19.24	19.29	19.34	19.39	19.44	19.49	19.54	19.59	20.04	20.09	20.14	20.19	20.24	20.29	20.34	20.39	20.44	20.49	20.54	20.59	21.04	21.09	21.14	21.19	21.24	21.29	21.34	21.39	21.44	21.49	21.54	21.59	22.04	22.09	22.14	22.19	22.24	22.29	22.34	22.39	22.44	22.49	22.54	22.59	23.04	23.09	23.14	23.19	23.24	23.29	23.34	23.39	23.44	23.49	23.54	23.59	24.04	24.09	24.14	24.19	24.24	24.29	24.34	24.39	24.44	24.49	24.54	24.59	25.04	25.09	25.14	25.19	25.24	25.29	25.34	25.39	25.44	25.49	25.54	25.5



ALBERTO MILHEIRO
Cirurgião dentista
dothese e operações dentarias
Passelo Alegre 10-1.º
Em frente ao corte da Graciosa

Hotel e Restaurante

CAFE CHINEZ
N.º 11

DE
José Fernandes do Lago
Praia d'Espinho
Aberto todo o anno Proximo á es-
tação.

PADARIA CASAL FIEIO
59, RUA DO CRUZEIRO, 63

ESPINHO

Manipulação esmerada

DISTRIBUIÇÃO nos DOMICILIOS

MONTENEGRO DOS SANTOS

NOTARIO PUBLICO

RUA VAZ D'OLIVEIRA, 260

ESPINHO

PHARMACIA CENTRAL

ALBERTO DELGADO

Rua Bandeira Coelho, 79, 81 e 83

ESPINHO

CONSULTORIO

MEDICO-CIRURGICO

Rua 19 (antiga Pinto Coelho)

ESPINHO

Medicos cirurgiões:

J. PINTO COELHO

RESIDENCIA

Avenida Graciosa, 72

J. CORREIA MARQUES

R. Vaz d'Oliveira, 1

TA FOOGRAPHI EVARISTO

Avenida Sérpa Pinto, 232

ESPINHO

Execução perfeita de qualquer
trabalho photographico.

Retratos em todos
os generos.

Reproduções de qualquer
etrato por mais an-
tiq. que seja

Conclusão de trabalhos aos
photographos amadores

A JUDICIAL

AGENCIA DE SERVIÇOS PUBLICOS

Escritorio: Rua de Bellomonte, n.º 69

Directores fundadores { Manoel Coelho } Advogados
{ Adriano Pimenta }

Esta agencia incumbem-se de todos os serviços forenses,—de **alvo-
caela e procuradoria.**

Trata quaesquer serviços dependentes de ministerios ou repartições
publicas: — passagem de certidões, ou quaesquer outros documentos, lega-
lização de documentos nos ministerios e consulados, reclamações e recur-
sos sobre recenseamento e recrutamento militar, etc., etc.

Encarrega-se da *administração, compra, venda e hipotecas de predios*
Organisa de documentos para concursoa, prepara papeis de casamento, bem
como se occupa de todos os assumtos dependentes das repartições eclesiás-
ticas. Promove *habilitações perante a Junta de Credito Publico, averba-
mentos e papeis de credito*, no Porto, Lisboa ou outra qualquer localidade
recebe os juros desses papeis, rendas de predios, pensões, fóros, etc., etc.

«A Judicial» estabeleceu uma serie de trez avenças, respecti-
mente **ao preço de reís 158000, 58000 e 28500.**

Dá direito aos seguintes serviços:
**Cobrança judicial de pequenas dividas. Acções e
pequenos despejos**

—consultas oraes sobre qualquer assumpto;
—pagamento nos prazos legais de todas as contribuições: indus-
trial; predial, etc.;
—organizações e redacção de reclamações e recursos a que as
mesmas derem origem;
—informações dependentes de repartições publicas, taes como
miisterios, tribunaes, camaras municipaes, estabelecimentos
d'instrucção, etc.;
—certidões de qualquer natureza;
—requerimentos para qualquer fim que não seja começo d'acção
—desconto especial em todos os outros serviços de que esta agen-
cia se encarrega, incluindo os de **Advocacia e Procura-
doria.**

Primeira avença { Dá direito a todos os serviços da 1.ª excepto a cobrança judicia
de pequenas dividas e acções de pequenos despejos.

Segunda avença { Por esta avença fornece «A Judicial»:
Todas as informações e esclarecimentos relativos ás diversas
contribuições, organisa e redige os respectivos recursos e recla-
mações, effectua o pagamento d'essas contribuições mediante
cobrança previa no domicilio do contribuinte, e dá consultas so-
bre estes mesmos assumptos.

Terceira avença {

Endereço telegrafico «JUDICIAL»

(Envia-se folheto elucidativo a quem o requ

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONCALVES

RUA DOS MERCADORES 171

PORTO

AGUA DO BARREIRO

Na Serra do Caramujo—(BEIRA ALTA)

Contra a ANEMIA e outras doenças provenientes da mesma

Contra as doenças do ESTOMAGO e INTESTINOS

Contra as PERTURBAÇÕES MENSTRUAES

A mais barata de todas as AGUAS MEDICINAES

UMA GARRAFA PARA 4 DIAS

DEPOSITO EM ESPINHO

FRANCISCO ALVES VIEIRA

78, RUA BANDEIRA COELHO, 80

DESCONTOS AOS REVENDEDORES

OFFICINA

— DE —

PICHELEIRO E FUNILEIRO

DE

João Augusto de Souza

RUA N.º 14 CASA N.º 81 a 85 Antiga Rua Vaz d'Oliveira—ESPINHO

Tubos de ferro, galvanizados e ditos de chumbo para istallação de agua
gaz. Torneiras de metal de todos os systemas. Apparelhos para latrinas e bacias para
os mesmos. Bombas aspirantes e de pressão para poços ou cisternas. Obras de folha
zinco, cobre e chapa galvanizada. Apparelhos para gaz acetylene os mais perfectos e
economicos Bicos e accessorios para os mesmos. Recebem-se encomendas para as
provincias e manda-se pessoal competentemente habilitado para qualquer obra que diga
respeito a esta industria, etc., etc.

PREÇOS SEM COMPETENCIA